

## **A OLÍMPICA E NOVA IDENTIDADE INTERNACIONAL DA CIDADE MARAVILHOSA DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**

João Baptista Ferreira de MELLO

NeghaRIO – Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do  
Rio de Janeiro

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rua São Francisco Xavier, 524 sala 4118 F

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

neghario@uol.com.br

Publicado nos Anais do SOLAR – NUCLEAS – UERJ

As auroras do século passado e deste milênio foram e permanecem sendo pródigas em título e conferidos ao Rio de Janeiro. Em 1908, o escritor Coelho Neto cunhou a expressão “Cidade Maravilhosa” e na década atual as honrarias internacional continuam sendo compiladas em pesquisas acadêmicas internacionais, bem como turísticas ou enquetes aplicadas em todo o Planeta.

Iniciemos com loas, odes e olés-olás provocados pelo cognome inscrito por Coelho Neto no início do século vinte, qual seja, o de Cidade Maravilhosa e prossigamos com a Sebastianópolis pulsando em ritmo, luz, alegria, elogios e esplendor, em virtude da persistência de sua beleza, cordialidade de sua gente e vibrantes manifestações culturais.

O escritor maranhense Coelho Neto primeiramente cunhou a expressão Cidade Maravilhosa, em artigo publicado no jornal A Notícia, no dia 29 de novembro de 1908. Seguindo nesta trilha, a República positivista e seus defensores encontraram na poeta Jane Catulle Mendes, uma outra fervorosa defensora da urbe carioca, como pode ser conferido em sua obra Ville Marveilleuse de 1912. Henrique Maximiano Coelho Neto, nasceu em 1864 em Caxias, no Maranhão. Filho de mãe índia e pai português chegou ao Rio de Janeiro ainda criança. Cronista, crítico, jornalista, conferencista, estudou Direito e tornou-se professor de História. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, com sua esposa teve quatorze filhos.

Mais tarde, voltou ao tema da Cidade Maravilhosa em um livro de contos publicado em 1928. Alguns anos depois, justamente em 1934, o compositor André Filho e sua marchinha carnavalesca Cidade Maravilhosa imprimiriam, através do canto jovial de Aurora Miranda e arranjo bombástico de Pixinguinha, uma ressonância extraordinária para o Rio de Janeiro. Com efeito, ao longo de um século, intelectuais, poetas, músicos, cientistas, religiosos, políticos, gente comum e mesmo internautas de diversas partes do Planeta ratificaram o deslumbramento, a reverência e a devoção à mais bela cidade do mundo .

Neste particular, a cidade, como ninho aconchegante e em sua vastidão, agrega proteção e querência, assumindo foros de uma concha, lar ou lugar existencial ou da coletividade. A idéia encontra apoio na noção fenomenológica de mundo vivido, ou seja, um todo indissociável formado por pessoas, amigos, turistas, conhecidos, base territorial, eventos, pertences, aromas, sons, artefatos, “canções que minha mãe me ensinou” e toda sorte de evocações que permite a pessoa sentir-se em casa. Lugar é, portanto, a palavra-chave advinda e adaptada dos princípios filosóficos e retrabalhados pela geografia humanística, uma corrente preocupada em entender a alma dos lugares a partir das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais (WAGNER, 1979).

Centro de apoio, referência e ação, afora estabilidade e confinamento, o lar ou lugar integra o âmago dos nossos seres. Adentrar em um lar/lugar para elucidar a permanência mitológica da Cidade Maravilhosa é o propósito perseguido neste texto.

Nestas condições, o lar cristaliza-se como um lugar central e em toda a sua magnitude. Por um lado, por ser um refúgio íntimo, proclamado e querido, trançado por laços de afinidade e de grande significado e, ao mesmo tempo, impregnado por experiências do passado e do presente. Por conseguinte, o Rio prossegue sendo explorado com desenvoltura e proclamado em livros, jornais, canções, teses, artigos, folhetos, cartazes, na linguagem vernacular e, entre outros, até mesmo na rede internet. Neste turbilhão, seu “múltiplo uso” e “múltiplas propostas” (TUAN, 1984:1), o transformam em centro ou no ponto para onde as coisas convergem, por ser um ponto emissor e receptor de idéias, trabalho, conflitos, lutas, divertimento, afora a sua destinação original de moradia.

As idéias acima conduzem ao perfilamento com o horizonte humanístico. Assim sendo, o lugar, dotado de uma expressão existencial e coletiva – somatório das dimensões simbólicas, emocionais, políticas, culturais e biológicas – tornou-se, o lugar, o conceito-chave com vistas ao desvelar de nossas geografias. Para tal entendimento, as manifestações culturais são ricas em relatos pessoais e depoimentos de escritores, pessoas comuns ou compositores oriundos das mais diversas procedências que falam de suas experiências diretas com o seu grupo social e lugar, ou que comungam e se solidarizam com outras camadas sociais e lugares. Com efeito, pode-se ressaltar, a força e os significados registrados nos discursos de toda gente emergem do íntimo de suas almas, a partir de vivências, concepções e solidariedade, longe da dicotomia sujeito-objeto e na plenitude ou carregados de emoção sobre o entendimento e o significado dos lugares .

Como se sabe, as palavras ou versos podem permitir múltiplas interpretações. Os geógrafos e pesquisadores, em geral, precisam estar atentos ao lidar com a literatura ou poesia. A linguagem é, muitas vezes, ambígua, entrecortada de valores, símbolos, alegorias e metáforas.

Os geógrafos da corrente humanística não lidam com aspectos precisos/ certinhos/ concretos. A fenomenologia empenhada em desbravar os meandros dos significados e da qualidade de vida humana no mundo vivido (BUTTIMER, 1979) serve como via para a compreensão de tais geografias. Todavia, vale frisar, as fronteiras entre as filosofias do significado (fenomenologia, existencialismo e hermenêutica) não são muito rígidas. Por isso mesmo, Rose (1981) sublinha que vários geógrafos, entre eles Anne Buttimer, muito embora se identifiquem como fenomenologistas, exibem o movimento hermenêutico de maneira inconfundível. De todo modo, como nas palavras de Luis Eduardo Soares (1988:105) sendo a hermenêutica múltipla e plural é possível ou mesmo “lícito admitir a presença de teorias hermenêuticas em obras não dedicadas expressamente ao tema”.

Etimologicamente hermenêutica significa afirmar, proclamar, esclarecer e traduzir. De acordo com Palmer (1970: 23), as raízes deste vocábulo residem no verbo grego usualmente traduzido por “interpretar” e no substantivo “interpretação”. As duas palavras encontram-se em muitos textos da Antiguidade e remetem ao mensageiro-alado Hermes, associado a “tudo aquilo que ultrapassa a compreensão

humana em algo que essa inteligência consiga compreender” (PALMER, 1970: 24). Hermes – a quem os gregos atribuíam a descoberta da linguagem e da escrita – em sua função anunciadora, era o responsável em trazer a mensagem do destino, sendo até mesmo considerado o mensageiro de Deus para com os homens, na medida em que dizer, afirmar ou proclamar sugere um relevante ato de interpretação (PALMER, 1970: 25). Por conseguinte, como herança e tradição, o hermenêuta era o sábio com a tarefa de traduzir as mensagens bíblicas para uma linguagem corrente. Nestas condições, cabe dizer, as questões ainda não respondidas sobre o relacionamento entre as filosofias do significado e a geografia são diversas e complexas. Por vezes, a fenomenologia, o existencialismo e a hermenêutica oferecem mais ambigüidade do que clareza em vários pontos essenciais e determinantes. Como assinala Anne Buttimer (1985:190) “se elas podem levar-nos em direção a uma orientação humanística com base experiencial, no âmbito da disciplina, isso depende de muito mais investigação empírica”.

Seja como for, o texto se esforça em contribuir para tal empreendimento ao focalizar a impressionante exuberância em uma natureza pródiga e dadivosa da ex-capital do País que persiste sendo homenageada por pessoas de todos os segmentos de renda, opções sexuais, etnias, credos e posições ideológicas. Privilegiada pela presença de baías (Guanabara e Sepetiba), domínios florestais (Tijuca, Pedra Branca e Mendanha-Gericinó), além do Atlântico e, em meio a uma dadivosa e vigorosa natureza, a urbe carioca foi forjada pela ação humana, no bojo de pequenos e colossais aterros e, mais a seguir, com a perfuração de túneis.

Essa criação coletiva recebeu generosas, inusitadas e enriquecedoras colaborações. Na “rolança do tempo”, como diria o ator Mário Lago, juntaram-se ao cenário natural conquistadores, escravos, comerciantes, religiosos e artesãos, organizando, ao longo dos séculos, o espaço urbano carioca, em um caudaloso Rio de arquitetos, cafetinas, industriais, políticos, beldades, geógrafos, donas de casas e uma legião de advogados, faxineiros, pederastas, executivos, odontólogos, “inimigos do bactente”, lojistas e camelôs. Trata-se de uma geografia vívida e dadivosa, um Rio de ações, lutas e encantos. Afinados no convívio social e procurando lidar com as dissonâncias das margens do Rio, juntaram-se engenheiros, garis, bancários, marceneiros e motoristas em uma cidade ostentatória em suas formas originais, imponente e, ao mesmo tempo, despojada nas edificações e plena de funções,

centralidades e ou simbologias, cujo traço comum aglutina beleza, hospitalidade, bem estar, embates e o ritmo do dia-a-dia

O texto, em meio aos meandros profissionais e construtores da Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro, segue o rumo do Rio dos artistas da vida, procurando explorar alguns apaixonados fragmentos como elementos exemplares de pesquisa que comprovam o fôlego de uma cidade que se mantém soberba no curso de um Rio maravilhoso e idolatrado. Nesta ciranda, consideremos inicialmente a marchinha que popularizou e, mais do que isso, eternizou a expressão Cidade Maravilhosa. A música foi escrita por André Filho em 1934. Entregue à “Pequena Notável”, Cármen Miranda, esta preferiu lançar sua irmã no campo das artes populares. Aos dezenove anos de idade Aurora Miranda registrou, em disco, sua voz com os seguintes versos: “cidade maravilhosa/ cheia de encantos mil/ cidade maravilhosa/ coração do meu Brasil... jardim florido de amor e saudade/ terra que a todos seduz/ que Deus te cubra de felicidade/ ninho de sonho e de luz”.

O compositor André Filho nasceu (1906) e morreu (1974) no Rio de Janeiro. Órfão, criado pela avó, desde cedo começou a estudar ritmo e harmonia. Foi colega de escola do famoso radialista Almirante e escreveu sucessos para os cantores Mário Reis, Cármen Miranda e Sílvio Caldas. Por volta do início dos anos quarenta esteve internado com problemas psíquicos em uma casa de saúde particular, afastando-se desde então da vida artística. Sua música “Cidade Maravilhosa” - transformada em “Hino da Cidade”, em 1960, quando da transferência da capital para Brasília - décadas depois de lançada, continua popularíssima, abrindo e encerrando shows ou bailes carnavalescos e mesmo como música tema para as acrobacias desconcertantes da ginasta e medalhista panamericana Jade Barbosa ou nas comemorações triunfalistas do tricampeonato panamericano da seleção brasileira de basquete no Rio 2007.

“Cidade maravilhosa/ cheia de encantos mil/ cidade maravilhosa/ coração do meu Brasil...”. A expressão “Cidade Maravilhosa” cunhada por Coelho Neto em 1908 – em decorrência da nova feição que o Rio de Janeiro assumia no início do século em conjunto com a beleza de seus mares e sinuosidade das suas montanhas – foi reutilizada por André Filho em sua marchinha carnavalesca. De 1908 a 1934, quando do lançamento da música em tela, o espaço urbano carioca sofreu uma

série de intervenções e melhoramentos. Com efeito, a Reforma Passos, no raiar do século vinte, procurou transformar o Rio de Janeiro na “Paris nos Trópicos”. Para tanto, o Presidente Rodrigues Alves, o Prefeito Pereira Passos, o engenheiro Paulo de Frontin e o sanitarista Oswaldo Cruz comandaram uma intervenção urbanística de grandes proporções com “varreduras” de imensas porções espaciais com o propósito de atender aos anseios da ordem e do progresso no espaço urbano carioca. Como resultado, ocorreram aberturas de artérias, alargamento de logradouros, ajardinamento de praças e, entre outros desafios, o combate aos velhos hábitos e às doenças que grassavam no Rio com marcas da Colônia e do Império.

Anos depois, na década de vinte, a administração Carlos Sampaio arrasou o morro do Castelo, “berço da cidade”, intensificando um rol de aterros e aplainando um espaço que se tornaria nobre na Área Central da capital da República. Assim, na sua composição poética, o músico André Filho ratifica o orgulho do povo carioca em habitar na “... cidade maravilhosa/ coração do meu Brasil...”, o que reflete uma metafórica postura etnocêntrica.

O etnocentrismo, como se sabe, diz respeito a um fenômeno universal de supervalorização do “centro”, “umbigo”, “mais saudável” ou “melhor lugar do mundo” e pode ser também compreendido como egocentrismo coletivo. As pessoas do “centro” estabelecem discriminação entre “nós” (“superiores”) e “eles” (“de menor valor”, “de cultura inferior”) olhando para estes de forma “blasé” e, por vezes, com apatia, sarcasmo ou agressividade. Nestas circunstâncias, a maioria dos povos entende que habita o centro do mundo. Assim sendo, o que está distante do seu lugar vivido tem pouco ou nenhum valor. Essa alegoria, com elementos positivos e negativos contribui também para a construção da utopia (TUAN, 1980; 1983; 1998; MELLO, 1991).

A conjunção da consciência criativa e o fantástico imaginado formam o lugar mítico. A utopia não se restringe às idéias de seu primeiro pensador Thomas Morus (1480 – 1535), mas igualmente ao lugar imaginário, do sonho, dos projetos irrealizáveis, da quimera, do inacessível ou idealizado como um eldorado suntuoso.

O mundo da utopia é composto de bairros, jardins, ruas largas, arborizadas, funcionais, higiênicas e arejadas, monumentos magnificentes e torres de arrojadas

silhuetas. A “cidade espetáculo” dos pensadores utópicos é benquista por ser ordeira, limpa e harmônica, o que facilita o controle. Não podendo repetir na Terra o paraíso que as religiões propagam, o homem procura empreender cópias de lugares míticos. No mundo hodierno, como o conhecimento do Planeta é difundido nos “quatro cantos da Terra”, os paraísos são cidades como o Rio de Janeiro. Por ser a “Cidade Maravilhosa”, terra dos encantos e o “... coração do meu Brasil...”, ou o “centro”, a posição etnocêntrica do compositor André Filho, e dos cariocas, confunde-se com a idéia de espaço mítico. O Rio de Janeiro é, então, compreendido como um “eldorado urbano”. Desse modo, os cariocas encontram a “terra da promessa” ou o “paraíso” em seu próprio lugar vivido, ao contrário de outros povos de sociedade simples ou complexas que passam suas existências idealizando, construindo mentalmente ou transmitindo através das tradições religiosa, oral e escrita o sentimento e a perspectiva de se chegar ao éden, passagem noroeste, terra sem mal ou como queira se denominar “um mundo perfeito”.

Na esteira da inspirada marchinha de André Filho, outras diversas músicas foram compostas. Na realidade, do mundo vivido o artista extrai elementos para o seu ofício e utiliza sua verve para entreter, denunciar, divertir, proclamar e ensinar. Do universo instigante da música passemos à criatividade popular. O carioca, com particular sapiência, mutila ou acrescenta vocábulos e toponímias ao seu lugar vivido. Consideremos, pois, nas passagens seguintes, o espaço urbano carioca no trato de sua gente, mais especificamente na boca do povo. Via-de-regra, as pessoas distinguem o(s) seu(s) mundo(s) vivido(s) com apelidos e nomes informais. E a Cidade Maravilhosa se insere, orgulhosamente, neste conjunto. Mas, convém frisar, tais envolvimentos que brotam com a experiência, a confiança e a afeição revelam intimidade que, na acepção da palavra, é a qualidade do “que está muito dentro” ou o “que atua no interior”. Por isso mesmo, os lugares são entes queridos merecedores de considerações especiais. O homem, também, experiencia locais nomeados por outros e a ele passados, seja pela educação informal ou aqueles forjados pela administração pública. Designar com nomes, na tradição judaica, significa ter domínio. Os seres humanos dotam com qualificativos as montanhas, os rios, as províncias e os continentes. Essa relação de domínio e intimidade é preciosa, pois contribui para os estágios de pertencimento e interiorização, relevantes no processo de amor ao lugar vivido, ou seja, à sua própria geografia.

No Rio de Janeiro, a fértil criatividade de seu povo reflete-se, igualmente, através do repertório oral. A cidade conjuga em sua toponímia a referência a um acidente geográfico e ao mês no qual foi primeiramente aportado pelos brancos na aurora do século dezesseis. Sua origem, no entanto, carece de sustentabilidade, na medida em que, os lusos, exímios cartógrafos e desbravadores de terras e mares até então incógnitos, dificilmente confundiriam a estreita entrada da baía de Guanabara com a foz de um curso fluvial. Neste contexto, seria pertinente lembrar que, o vocábulo rio, no idioma português arcaico, era sinonímia de barra, possuindo uma amplitude semântica superada na atualidade, ou até mesmo podendo confundir-se, mais remotamente, à idéia de ria, braço de mar com recortes profundos que se presta à navegação. Seu nome composto singra, igualmente, ambigüidades por contemplar o mês inaugural de cada ano, prática inusitada entre os portugueses. Na realidade, assim procediam os franceses nomeando os lugares com datas. De toda sorte, foram os franceses, humanistas-protestantes, determinados em promover a utopia tropical da França Antártica que criaram a Henriville, situada nos domínios de Uruçumirim, atual bairro do Flamengo, e nas ilhas do recôncavo da Guanabara.

Neste turbilhão, o Rio de Janeiro foi forçosa e oficialmente fundado pelos portugueses nos idos de 1565. O evento tinha como meta eliminar os arroubos do projeto francês de uma civilização plena de respeito às diferenças e sob o comando do católico Villegagnon, que entendia ser possível a união entre os seguidores das igrejas cristãs, a partir desse período vivendo os embates da Reforma. A posição da urbe era extraordinária, porquanto na entrada da baía era possível avistar os intrusos estrangeiros, bem como os indígenas, afora um efetivo controle da Guanabara. Ao lado disso, se derrotados, os portugueses poderiam escapar pelo Oceano Atlântico. No entanto, a exigüidade do sítio provocou a transferência da cidade para a encosta do morro do Castelo, cercado de áreas alagadiças e o próprio mar, um observatório natural, por excelência, de grande serventia para as estratégias militares. A efeméride aconteceu justo em 20 de janeiro de 1567, momento da expulsão dos invasores, somada à submissão indígena e dia do padroeiro desta Mui Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, sua toponímia oficial. Mais que uma homenagem ao infante Dom Sebastião e ao santo, os lusitanos, assim, recorriam ao soldado-mártir, morto a flechadas, e suplicavam



sua proteção contra as armas de arremesso dos autóctones da Terra de Santa Cruz, estabelecidos no entorno da sinuosa baía de Niterói (água escondida), mais tarde, Guanabara (LESSA, 2000, ABREU, 2006) .

No vale do Rio de mistérios, encantos, tempos, ambivalências, obras, desesperanças e amores desmedidos, a cidade ganhou expressão graças à diversidade de sua fauna e flora, ao talento de seu povo, aos delírios e ações dos persistentes aterros, derrubada de elevações, abertura de túneis e desbravamento no âmbito de sua organização espacial. Fonte e desaguadouro de uma cultura que pulsa e ecoa por todo o país, nesta torrente de trabalho, conflitos, paixões e a lida trivial do mundo vivido floresceram centralidades de diversos portes, esferas e escalas, bem como símbolos de toda ordem. Seguindo o rumo desse Rio, estas linhas procuram desvendar alguns meandros, tributários e formações insulares cujas áreas de querência abrangem corações e mentes de indivíduos e grupos sociais. Envolta em uma ciranda de movimentos e pausas, o texto focaliza a força impetuosa e afetiva que assumiu expressão na alma do povo do Rio e daqueles que comungam com sua grandeza. Nesse curso, prossigamos não apenas com este corte afetivo, prático e rápido, quando o carioca resume o espaço carioca apenas à palavra Rio ou de maneira pomposa, ativa, ao conciliar ao nome oficial da urbe à expressão cunhada por Coelho Neto e referendada nos acordos de André Filho na imponente e fabulosa toponímia Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro, agregando celebração, santidade, beleza e intimidade. Por isso mesmo, poetas, como Carlos Drummond de Andrade e, mais recentemente, Elisa Lucinda, abraçaram a cidade em gestos, palavras, assinaturas, declarações e narrativas admiráveis.

Diante de tal quadro e irmanados com uma geografia vívida e pulsante a cidade pode exibir sua longeva capacidade de encantamentos até mesmo recentemente ao ser inserida e glorificada na rede Internet. Os títulos conseguidos em sites nacionais e, sobretudo, internacionais compilam uma galeria de exclamações e elogios. Da extensa lista pincemos as vitórias portentosas obtidas neste início de milênio. Uma delas foi realizada pelas Universidades de Michigan e da Califórnia, coroando o povo carioca como o mais cordial do mundo ([www.riotur.gov.br](http://www.riotur.gov.br)). A prestatividade, disposição em ajudar estranhos e a simpatia das pessoas do Rio foram determinantes para tal distinção, afirmou o professor

Robert Levine, da Universidade da Califórnia, dos Estados Unidos, resultando este estampado em uma das edições do periódico *American Scientist*, após seis anos de simulações e estudos. O Rio foi contemplado com outro prêmio ao ser classificado pela revista "Travel and Leisure", especializada em turismo, como a capital mais simpática da América Latina. Na votação, jurados escolhidos pelos editores desta publicação, nos primeiros meses do ano de 2005, expuseram seus votos e opiniões. Igualmente digno de comemoração é a inclusão da baía de Guanabara entre as Sete Maravilhas Naturais (ao lado do Grand Canyon, nos EUA, Grande Barreira de Coral, na Austrália, Monte Everest, na divisa entre Nepal e China, Aurora boreal, na região polar do Planeta, Vulcão Parícutín, no México e as Cataratas Vitória (Victoria Falls), entre Zâmbia e Zimbábue), em lista arrolada pela CNN <http://www.cnn.com/TRAVEL/DESTINATIONS/9711/natural.wonders>. A CNN, como de domínio público, faz parte de uma rede de televisão estadunidense e integrante do grupo Time Warner, especializada em transmissão de notícias dia e noite, com base em Atlanta, nos Estados Unidos. Ainda no âmbito da Internet até mesmo o Caderno Mais, do jornal Folha de São Paulo, promoveu enquete para saber, a partir de uma seleção efetivada por especialistas, a maravilha das cidades. Disputando com a própria capital financeira do país, sede do citado matutino, mais as calçadas luminosas de Lisboa, o centro histórico de Nápoli, da velha Havana, entre outras, sobressaiu a Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro com praticamente metade dos votos dos internautas, ainda que o próprio jornal ressaltasse que o resultado não tinha valor de amostragem científica refletindo apenas a opinião de um grupo de leitores da Folha Online ([www.folha.com.br](http://www.folha.com.br)).

O Rio foi agraciado, igualmente, com o título de cidade mais civilizada do mundo em artigo publicado pela revista *Em Route da Air Canadá*, em inglês e em francês. Para tanto, contribuíram a alegria de viver do carioca, a beleza e a descontração de sua gente e até mesmo a possibilidade de comprar este ou aquele produto com seus ambulantes.

Em meio à sucessão de títulos, cabe frisar, o de Cidade Mais Feliz do Mundo estampado em matéria publicada pela revista americana *Forbes*, em setembro de 2009. A pesquisa apontando tal distinção foi aplicada entre mais de vinte mil entrevistados em diferentes partes do Planeta <http://www1.folha.uol.com.br/foha/cotidiano/ult95u619026.shtml>. O Rio consagrou-

se vitorioso em outra pesquisa promovida pelo site TripOutGayTravel.com em comunhão com a MTV, contando com o incentivo do Governador Sérgio Cabral e a Prefeitura do município, qual seja a de melhor destino gay do mundo. O anúncio da vitória em Boston, Estados Unidos, em 2 de novembro de 2009 conduziu o Prefeito Eduardo Paes a proferir as seguintes palavras: "O título de melhor destino gay é mais um reconhecimento da hospitalidade do nosso povo, que faz todos os visitantes se sentirem em casa. É um prazer e orgulho ser o prefeito de uma cidade acolhedora que respeita e valoriza as diferenças".

Considerando uma outra escala, mais restrita, a Cidade Maravilhosa foi qualificada como o melhor destino na América do Sul e o Hotel Copacabana Palace ganhou tal primazia também em divulgação do World Travel Award, em novembro de 2009, um dos mais importantes prêmios do setor de turismo no mundo.

Anterior a esta extensa lista, uma outra vitória contundente e de grande ressonância pode ser conferida com a eleição do Cristo do Corcovado entre as Sete Novas Maravilhas do Mundo em concurso popular internacional promovido pela New Open World Foundation, com o lançamento da campanha através da internet, telefones fixos e celulares cujo anúncio ocorreu em julho de 2007 em Lisboa, Portugal. Trata-se de um triunfo cuja presença no ranking das maravilhas não se deve apenas aos cariocas, mas aos brasileiros, de um modo geral, e mesmo aos internautas de diversos países, até porque nos sites os votos precisavam ser em sete das trinta maravilhas selecionadas.

À guisa de ilustração, cabe lembrar, as Sete Maravilhas da Antiguidade foram escolhidas por um único homem: Filon de Bizâncio 200 anos antes de Cristo. Foram elas: as Pirâmides de Gizé, os Jardins Suspensos da Babilônia, a Estátua de Zeus em Olímpia, o Templo de Ártemis em Éfeso, o Mausoléu de Halicarnasso, o Colosso de Rodes e o Farol de Alexandria. Destas apenas as Pirâmides de Gizé permanecem, de alguma maneira, intactas neste início de milênio. Nesta oportunidade, contudo, milhões de votantes puderam marcar e festejar seus votos. Mesmo assim editoriais de jornais franceses e espanhóis reclamaram as ausências de Alhambra e da Torre Eiffel entre as maravilhas do mundo. Seja como for, os monumentos vencedores foram, por ordem de votação, Muralha da China; Petra, na

Jordânia; Cristo Redentor, no Brasil; Machu Picchu, no Peru; Chichén Itzá; no México; Coliseu, na Itália e Taj Mahal, na Índia.

Para chegar a este topo, a estátua do Redentor mereceu uma trajetória por vezes conturbada até ser símbolo do Rio de Janeiro e do Brasil. O povo, o Poder Público, os turistas e a mídia conferem um “status” de tal maneira expressivo ao Redentor do Corcovado, que este passou a ser um símbolo compartilhado com orgulho pela coletividade carioca que pode substituir o próprio nome da cidade, por ser um símbolo representativo da Cidade Maravilhosa, um intersubjetivo conagração.

A estátua do Cristo do Corcovado, vale acentuar, mescla espiritualidade, a bela vista da natureza da urbe, a baía de Guanabara, o Oceano Atlântico, o empreendimento artístico e o ímpeto de engenhosa arquitetura. O Cristo do Corcovado deriva de uma ambição da Igreja Católica em erguer um monumento cuja idéia inicial partiu de um jesuíta e oferecida à Princesa Isabel de Bourbon e Bragança. O projeto foi elaborado, ao longo de décadas, em decorrência e em confronto com a perda do “estatuto oficial” com a República e a separação Estado/Igreja (GRINBERG, 1999:59), em meio à batalha de símbolos e alegorias criadas sob a ordem e o progresso a partir de 1889. A autorização só foi concedida sob a Presidência de Artur Bernardes, nos idos de 1922, com sua gestão procurando difundir valores religiosos e cívicos.

O monumento de grande respeitabilidade concilia, em seu traçado, a cruz, o símbolo mais conhecido no Planeta e a cena bíblica de Jesus abrindo os braços no Sermão da Montanha. Ao mesmo tempo, sugere trazer à memória o ato da primeira missa rezada na Terra de Santa Cruz. A obra erigida com contribuições do povo brasileiro e uma parcela menor do Estado confere “legitimação para o fortalecimento da Igreja na República”. Fincada no alto de uma montanha, dominando a baía de Guanabara e grande parte do Rio e Niterói, sua inauguração ocorreu em doze de outubro de 1931, dia comemorativo da chegada dos europeus ao Novo Mundo e, igualmente da padroeira do país, Nossa Senhora da Aparecida. Adotou-se em seu revestimento ferro e pedra sabão que não permitem rachaduras, dilatação ou absorção de umidade, além de refletir efeitos cromáticos, quando iluminada, tornando-se fosforescente. Como resultado, em qualquer momento do dia ou da

noite, a gigantesca imagem do Cristo Redentor cravada no alto do morro do Corcovado, eternamente de braços abertos, a abençoar a cidade, configura fraternidade e amparo, acolhida e empatia. Trata-se de uma centralidade extraordinária, seja para quem alcança o cume da montanha para orar ou desfrutar do privilegiado panorama, seja para quem a procura constantemente, de qualquer ponto da cidade, como referenciais geográfico, de beleza ou meteorológico, por isso mesmo, um símbolo maior que supera a questão religiosa e representa, em qualquer parte do mundo, a "Cidade Maravilhosa" de São Sebastião do Rio de Janeiro, plena de fé, magia e hospitalidade (TUAN, 1980; 1983; GRINBERG, 1999; MELLO, 1991; 2000).

O coroamento desta longa lista ocorreu em 16 de outubro de 2009 quando o Presidente do Comitê Olímpico Internacional anunciou a escolha do Rio como sede do maior evento esportivo do mundo. Disputando com Tóquio, Chicago e, finalmente, Madri, a urbe carioca ganhou o direito de sediar os Jogos Olímpicos de 2016 (ver, entre outros <http://www.youtube.com/watch?v=dxhgkgc5SDg&feature=related>).

A cidade, portanto, se revela gloriosa, multifacetada, plena de contrastes e temporalidades, bela, garbosa e atrativa, notadamente ao nível internacional com uma forte identidade de mais cordial e amigável do mundo, entre tantos outros títulos. O Rio de Janeiro continua sendo, como bradou o enredo de 2008 do Grêmio Recreativo Escola de Samba Salgueiro. Estamos falando da Mui Leal e Heróica Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Em suma, a arte, em seus mais diversos matizes, os esportes, o carnaval, a presença do Cristo entre as maravilhas do mundo, a realização bem sucedida dos Jogos Pan Americanos em 2007, a simpatia de sua gente, as declarações de toda ordem, incluindo aquelas que ecoam, neste início de milênio, nos sites da rede internet, a galeria de títulos mundiais como a de mais feliz do mundo, melhor destino gay, a Olímpica perspectiva de 2016, entre tantos outros atributos, identificam, conferem e ratificam, no transcurso de cem anos, o título outorgado pelo escritor Coelho Neto à majestosa Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro.

## Referências bibliográficas

- ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLAN/Zahar, 2006. 147 p.
- BUTTNER, A. Erewhon or nowhere land. In: GALE, S. and OLSSON, G. **Philosophy in geography**. Dordrecht, Holland, D. Reidel Publishing Company, 1979. p. 9-37.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985. pp. 165-193.
- GRINBERG, L. República católica. IN: KNAUSS, P. **Cidade vaidosa**, Rio de Janeiro, Sette Letras. 1999. 307 p.
- LESSA, C. O Rio de todos os Brasis. Rio de Janeiro, Ed. Record. 2000. p. 488
- MELLO, J.B.F. de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Orientador: Roberto Lobato Corrêa. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1991. 301 p.
- MELLO, J.B.F. de. Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. Orientador: Roberto Lobato Corrêa. Tese de Doutorado, UFRJ, 2000, 224 p.
- PALMER, E. **Hermenêutica**. Edições 70. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- ROSE, C. Wilhem Dilthey's philosophy of historical understanding: a neglected heritage of contemporary humanistic geography. In: STODDART, D. R. **Geography, Ideology and social concern**. Oxford: Brasil Blackwell, 1981, p. 99-113.
- SOARES, L. E. Hermenêutica e ciências humanas. In: **Estudos Históricos. Caminhos da historiografia**. São Paulo: Vértice, 1988, p. 100-142.
- TUAN, Y. F. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980. 228 p.
- TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Y. F. Continuity and discontinuity. **The Geographical Review**. New York, 74(3):235-256, 1984b.

TUAN, Y. F. **Escapism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 245 p.

WAGNER, H. R. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 319 p.